

Relatos de trincheira: o diário de Ambrósio Richshoffer sobre as guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631).*

Accounts from the Trenches: Ambrósio Richshoffer's Diary about the Portuguese-Dutch Wars in the Captancy of Paraíba (1631)

Leandro Vilar Oliveira.²

Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

vilarleandro@hotmail.com

Resumo: O século XVII foi uma época de mudanças intensas e para alguns historiadores tenha sido um período de crises, o qual contribuiu na formação dos Estados europeus modernos e suas colônias. Neste contexto, as Guerras Luso-Holandesas (1630-1654) ocorridas em território brasileiro, foram um dos vários conflitos europeus que assolaram o mundo naquele tempo, sendo essas resultado de antigas desavenças entre a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos contra o Império Espanhol. Por tal condição de que entre os anos de 1580-1640, Portugal e suas colônias faziam parte do império espanhol devido a aliança política da União Ibérica, os portugueses e brasileiros herdaram a guerra entre holandeses e espanhóis. Tal condição levou os conflitos da Guerra de Flandres para o Brasil. O presente artigo procurou investigar o contexto das Guerras Luso-Holandesas, partindo da análise de uma fonte primária datada do século XVII, tendo sido escrita por Ambrósio Richshoffer, um jovem alemão que aos 17 anos se alistou na Companhia das Índias Ocidentais (*West Indische-Compaigne* – WIC) da Holanda, onde passou a servir como soldado por dois anos em território brasileiro, tendo registrado sua jornada em um diário de viagem. Para esse estudo em específico optamos em analisar o relato de Richshoffer em sua campanha militar na Capitania da Paraíba, na época, a segunda maior produtora de açúcar da região Nordeste do Brasil. O interesse da WIC sobre a Paraíba partiu

* O presente artigo foi baseado em uma das fontes usadas na minha dissertação de mestrado, intitulada *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

² Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

da expectativa de se apossar de seus vinte engenhos, e interromper o envio de reforços e recursos que eram encaminhados a Pernambuco, onde se concentrava o exército holandês e as principais forças de resistência luso-brasileiras. Dessa forma, partindo do método da microhistória, realizamos a análise do relato de Ambrósio Richshoffer, procurando compreender os eventos em torno do primeiro ataque à Capitania da Paraíba (1631), no contexto das invasões holandesas no Brasil.

Palavras-chave: Ambrósio Richshoffer, diário de viagem, Guerras Luso-Holandesas (1630-1654), Capitania da Paraíba.

Resumen: El siglo XVII fue una época de cambios intensos y para algunos historiadores ha constituido un período de crisis que moldeó a los Estados europeos modernos y sus colonias. En ese ámbito, las Guerras Luso-Holandesas (1630-1654) ocurridas en territorio brasileño fueron uno de los varios conflictos europeos que asolaron el mundo en aquel tiempo, siendo estos resultado de antiguas desavenencias entre la República de los Siete Países Bajos Unidos contra el Imperio Español. El hecho de que entre los años 1580-1640 Portugal y sus colonias fueran parte del Imperio Español hizo que los portugueses y brasileños heredaran la guerra entre holandeses y españoles. Así se explica que la Guerra de Flandes acabara afectando al territorio brasileño. El presente artículo pretende investigar el contexto de las Guerras Luso-Holandesas partiendo del análisis de una fuente primaria datada del siglo XVII, escrita por Ambrosio Richshoffer, un joven alemán que a los 17 años que se alistó en la Compañía Neerlandesa de las Indias Occidentales (*West Indische-Compaigne* - WIC), donde pasó a servir como soldado por dos años en territorio brasileño, experiencia de la que dejó registro en un diario de viaje. Para ese estudio en específico optamos por analizar el relato de Richshoffer en su campaña militar en la Capitania de Paraíba, en la época la segunda mayor productora de azúcar de la región Nordeste de Brasil. El interés de la WIC en la Paraíba nacía del deseo de apoderarse de sus veinte molinos de azúcar e interrumpir el envío de refuerzos y recursos que eran encaminhados a Pernambuco, donde se concentraba el ejército holandés y las principales fuerzas luso-brasileñas. De esta forma, partiendo de la microhistoria realizamos el análisis del relato de Ambrosio Richshoffer buscando comprender los eventos en torno al primer ataque a la Capitania de Paraíba (1631) en el contexto de las invasiones holandesas en Brasil.

Palabras clave: Ambrósio Richshoffer, diario de viaje, Guerras luso-holandesas (1630-1654), Capitania de Paraíba.

Abstract: The 17th century was a time of intense change and for some historians was a period of crisis, which contributed to the formation of modern European states and their colonies. In this context, the Dutch-Portuguese Wars (1630-1654) occurred in the Brazilian territory, were one of the several European conflicts that swept the world at that time, being these results of old

disagreements between the Republic of the Seven United Netherlands against the Spanish Empire. By such a condition that between the years 1580-1640, Portugal and its colonies were part of the Spanish empire because of the political alliance of the Iberian Union, the Portuguese and Brazilians inherited the war between Dutch and Spanish. Such a condition led to the conflicts of the War of Flanders for Brazil. The present article sought to investigate the context of the Dutch-Portuguese Wars, starting from the analysis of a primary source dating from the 17th century, written by Ambrose Richshoffer, a young German who at the age of 17 enlisted in the Dutch West India Company (*West Indische-Compagnie* - WIC), where he began to serve as a soldier for two years in Brazil, and recorded his journey in a trip diary. For this specific study, we opted to analyze Richshoffer's report in his military campaign in the Captaincy of Paraíba, at the time, the second largest producer of sugar in the Northeast region of Brazil. The WIC's interest in Paraíba started from the expectation of seizing its twenty sugarcane mills, and interrupting the sending of reinforcements and resources that were sent to Pernambuco, where the Dutch army and the main Portuguese-Brazilian resistance forces were concentrated. Thus, starting from the method of microhistory, we analyze Ambrósio Richshoffer's report, trying to understand the events surrounding the first attack on the Captaincy of Paraíba (1631), in the context of the Portuguese–Dutch wars.

Keywords: Ambrose Richshoffer, trip diary, Portuguese-Dutch Wars (1630-1654), Captaincy of Paraíba.

Para citar este artículo: Leandro VILAR OLIVEIRA: “Relatos de trincheira: o diário de Ambrósio Richshoffer sobre as guerras luso-holandesas na capitania de Paraíba”, *Revista Universitaria de Historia Militar*, Vol. 7, N° 14 (2018), pp. 115-137.

Recibido: 14/06/2017

Aprobado: 18/03/2017

Relatos de trincheira: o diário de Ambrósio Richshoffer sobre as guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631).*

Accounts from the Trenches: Ambrósio Richshoffer's Diary about the Portuguese-Dutch Wars in the Captancy of Paraíba (1631)

Leandro Vilar Oliveira.²

Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

vilarleandro@hotmail.com

Introdução

Entre algumas das fontes importantes que se tem sobre o período das invasões holandesas no Brasil (1624-1654), mais especificamente os anos de 1630 a 1632, figura um diário de um jovem soldado alemão, o qual aos 18 anos foi ao Brasil, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie* - WIC) dos Países Baixos. A obra de Ambrósio Richshoffer foi intitulada originalmente *Ambrosij Richshoffers Brasiliannisch und West Indianische Reise Beschreibung*, sendo publicado em Estrasburgo, no ano de 1677, em língua alemã (ver imagem 1). Embora somente em 1897 tenha sido traduzido ao português, pelo historiador brasileiro Alfredo de Carvalho (1870-1916), o livro de Richshoffer já era citado no seu idioma original por estudiosos que pesquisaram sobre a temática das guerras luso-holandesas, como Netscher (1853) e Varnhagen (1871).³ No século XX a obra recebeu mais duas edições brasileiras,⁴ sendo utilizada por vários autores.

* O presente artigo foi baseado em uma das fontes usadas na minha dissertação de mestrado, intitulada *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

² Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

³ José Honório RODRIGUES y Joaquim RIBEIRO: *A civilização holandesa*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. (Coleção Brasileira, série 5ª, volume 180).

⁴ As outras duas edições brasileiras que foram lançadas em 1982 e 2004, não trazem novas traduções, apenas atualizou-se a tradução de Alfredo de Carvalho. As novidades se encontram nas introduções, prefácios e notas feitas pelos editores.



Imagem 1: Exemplar da primeira edição do *Ambrosij Richshoffers Brasiliannisch und West Indianische Reise Beschreibung* (1677). Acervo do Instituto Ricardo Brennand, Recife, Pernambuco, Brasil. Na imagem se ver também uma cópia do retrato de Ambrósio Richshoffer e ao lado, uma cópia do frontispício de seu livro. Foto do acervo pessoal do autor.

Decidimos utilizar a obra de Richshoffer para abordar especificamente sua participação como soldado na Batalha do Cabedelo, ocorrida entre 5 a 12 de dezembro de 1631, na costa da Capitania da Paraíba. Tal acontecimento foi importante, pois consistiu na primeira investida militar da WIC, no intuito de conquistar aquela capitania, que na época era uma das maiores produtoras de açúcar do Brasil,⁵ lembrando que o principal interesse da WIC na colônia brasileira era se apossar da sua produção açucareira. Assim, devido a essa particularidade do nosso recorte temporal e espacial, percebemos que a micro-história se encaixa em nosso estudo por se tratar de uma abordagem que surgiu nos anos de 1980 na Itália, dando atenção a temas pouco tratados, optando por recortes temporais mais breves, espacialidades reduzidas, levando um olhar microscópico ao historiador, que permitia este enxergar com base nas suas fontes, detalhes e peculiaridades que em geral passavam despercebidos ou eram negligenciados por não se encaixarem nas temáticas tradicionais sobre política, economia, sociedade, guerra, igreja, cultu-

⁵ Entre as capitanias de Pernambuco, Paraíba, Itamaracá e Rio Grande, a capitania da Paraíba possuía a segunda maior produção de açúcar. Operando com 20 engenhos, produzindo mais de 40 mil arrobas de açúcar em média, nas boas safras. Em 1640 a produção foi estimada entre 53.480 a 66.850 arrobas. Regina Célia GONÇALVES: *Guerras e açúcares: política e economia na Capitania da Parahyba, 1585-1630*, Bauru, EDUSC, 2007.

ra erudita, grandes homens, etc.⁶ Neste aspecto, Ronaldo Vainfas comenta que a micro-história permitiu tornar os desconhecidos em personagens históricos, como no caso do moleiro Menochio, que ficou mundialmente conhecido pelo livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*.⁷

Pela condição que neste artigo estudamos uma guerra que estava inserida em todo um processo político-econômico que gerou conflitos entre Espanha, Holanda e Portugal desde o final do século XVI, no que resultou na chamada Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), decidimos analisar essa conjectura geopolítica militar a partir dos conflitos dos portugueses e espanhóis contra os holandeses a partir da guerra do açúcar no Brasil, tomando como fonte de partida o relato de um soldado.

Tal perspectiva nos levou a um estudo de microanálise que adentra na proposta italiana de micro-história, onde a partir do particular, do ínfimo, obtemos dados e informações que nos permitem enxergar aspectos antes não percebidos. Mas embora a microanálise nos permita esse olhar preciso, ela também requer auxílio da macroanálise, necessitando recorrer a outras fontes, referências, comparações e confrontos⁸, para melhor compreender o contexto onde esse relato se encontra inserido. Para isso usamos outras três fontes do século XVII, como a *Relaçam breve e verdadeira* de frei Paulo do Rosário (1632), a *História ou Anais da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, escrita por Joannes de Laet (1644), e as *Memórias da Guerra do Brasil*, escrita por Duarte de Albuquerque Coelho (1654).

Embora publicadas com vários anos de diferença, esses três livros abordam a Batalha do Cabedelo, trazendo informações que não constam no relato de Richshoffer, mas que nos são úteis para preencher lacunas da narrativa dele, e entender melhor aquele contexto bélico. Dando suporte a essas fontes, recorreremos a autores contemporâneos sobre o tema do Brasil holandês e da história militar, pautando esse artigo no estudo da "nova história militar", a qual aproxima o estudo da guerra, da marcialidade e das forças armadas, de abordagens sociais, culturais, religiosas, técnicas, diplomáticas, tecnológicas, artísticas, etc. tratando da guerra não apenas como uma narrativa da batalha, ou um fator político-econômico, ou os feitos dos grandes generais como tradicionalmente era feito.⁹

Assim, esse estudo foi dividido em três partes: um resumo biográfico sobre o autor, comentando a respeito do seu alistamento na WIC, sua viagem ao Brasil, e o seu livro; a microanálise militar de seu diário, em específico sua vivência na primeira invasão à Capitania da Paraíba.¹⁰ Nessa parte apresentamos nossa aplicação da micro-história em conjunto da história militar. Por fim, nossas considerações finais.

⁶ Carlos Antonio AGUIRRE ROJAS: *Micro-história italiana: modo de uso*, Malerba. Londrina, Eduel, 2012.

⁷ Ronaldo VAINFAS: *Os protagonistas anônimos da história: a micro-história*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 2002.

⁸ Justo SERNA y Anaclét PONS: *Cómo se escribe la microhistoria: ensayo sobre Carlo Ginzburg*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2000.

⁹ Fernando Vêlozo Gomes PEDROSA: *A história militar tradicional e a "nova história militar". Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2011.

¹⁰ A segunda expedição à Paraíba ocorreu entre 25 a 27 de fevereiro de 1634. A terceira expedição ocorreu entre 2 a 23 de dezembro de 1634, a qual consistiu na campanha derradeira. Na véspera de Natal de

Um jovem soldado

Ambrósio Richshoffer (1612-?) nasceu em 15 de fevereiro em Estrasburgo, era filho de comerciantes, Daniel Richshoffer e Catharina Trauschen. Seu avô paterno Jacob Richshoffer também havia sido comerciante, mas seu avô materno Ambrósio Trauschen seguiu carreira militar por algum tempo, inclusive lutando como mercenário a serviço da Sereníssima República de Veneza.¹¹ Aos 15 anos Ambrósio Richshoffer viajou para Sedan na França, no intuito de estudar francês; depois retornou para casa após um ano de estudos. Posteriormente viajou para Frankfurt (Alemanha) onde trabalhou no comércio como ajudante do senhor Nicolaus Schotten, mas decidiu largar o emprego e se dirigiu para Amsterdã em 1628:¹²

Em fins de 1628 resolvi, com alguns bons camaradas adiante mencionados, empreender uma viagem à Índia Oriental, e achando-nos, seis meses mais tarde, na Feira da Páscoa de Francfurt, partimos para realizá-la. Descendo o Reno chegamos em paz a Amsterdam, não sem termos, durante o caminho, corrido grande perigo de corpo e vida, por causa das guarnições espanholas que ainda existiam em vários lugares. A nossa intenção era seguirmos para a Índia Oriental, mas, como não se nos oferecesse ocasião para fazê-lo, e a Companhia das Índias Ocidentais estivesse recrutando fortemente, fiz-me alistar junto com o meu camarada Felipe de Haus, por oito florins holandeses mensais, um shilling de arras e outro tanto de meio-soldo diário até sermos passados em revista.¹³

Eles como outros jovens europeus da época, os quais procuravam por aventuras e fortuna, se alistaram em abril de 1629, em Amsterdã, no exército da Companhia das Índias Ocidentais, embora ele tenha dito que pretendia se alistar na Companhia das Índias Orientais (*Vereenigde Oost-Indische Compagnie* – VOC). Mas na época que chegou à Holanda, a VOC não estava em período de recrutamento. Na ocasião Richshoffer ainda possuía 17 anos, mas acreditava que naquele momento de intensas mudanças, os Países Baixos se mostravam como uma terra de oportunidades. O século XVII foi uma época na qual se acentuou o papel e a importância do mercado manufatureiro e da produção cultural, tornando as cidades novamente polos econômicos, políticos, sociais e culturais do continente europeu, algo que havia decaído durante a Idade Média.

1634, o exército da WIC entrou triunfante na capital paraibana. Leandro Vilar OLIVEIRA: *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

¹¹ Hugo Côelho VIEIRA: *O teatro de guerra e a invenção do Brasil holandês: o esforço das duas coroas na retomada pela Capitania de Pernambuco, de 1630 a 1654*, Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010. p. 13.

¹² Bruno Romero Ferreira MIRANDA: *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*, Recife, Editora UFPE, 2014, p. 423.

¹³ Ambrósio RICHSHOFFER: *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)*, 2ª ed, São Paulo/Brasília, IBRASA/INL, 1978, p. 25.

Somando-se a esse crescimento econômico, houve também o crescimento populacional urbano e por sua vez do consumo. O qual José Maravall chamou de um início de uma «massificação dos modos de vida e de ideias».¹⁴ Por sua vez, a Holanda se apresentava nesse cenário de mudanças com um centro nevrálgico cultural e econômico do continente europeu, um local de muitas oportunidades. No que se refere à economia, a grande oferta de empregos e bons salários (em alguns casos) tornou-se um dos principais atrativos para que estrangeiros migrassem para o país. A grande necessidade de mão de obra para atuar na agricultura, pecuária, indústria manufatureira, mas principalmente no comércio neerlandês, abriu as portas dos Países Baixos para os jovens de muitos países europeus.

Pelo fato das Companhias das Índias disporem do direito de formar seus exércitos e marinhas, houve nesse período um recrutamento massivo, pois a população masculina do país era insuficiente, além do fato que parte dos holandeses não possuía interesse em trabalhar para as Companhias, pois consideravam um trabalho pesado, difícil e perigoso.¹⁵ Logo, com a necessidade de suprir esse problema, ambas as Companhias iam buscar recrutas e empregados em outros países, e, estando parte da Europa envolvida na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), havia muitos soldados à disposição. Além do fato que os jovens não estavam interessados em trabalhar na terra ou em cargos menores, e alguns procuravam por dinheiro rápido, o que levava a um fluxo intenso da população jovem masculina a migrar do campo e das pequenas cidades, para as capitais.

Relatos da época assinalaram que esse grande fluxo de mão de obra que seguia para os Países Baixos era formado na maioria por homens pobres e com baixo nível de instrução escolar, os quais saíram de suas terras e casas para conseguir melhores condições de emprego ou fugir da miséria e da destruição gerados pelas guerras. De fato tal, argumento não está errado, mas como assinalado pelo historiador Bruno Miranda, esse argumento não pode ser tomado de forma generalizante. O caso de Ambrósio Richshoffer consiste numa exceção. Ele era um rapaz instruído e proveniente de uma família de comerciantes; e ele não foi o único, houve outros casos parecidos com o dele. Por tal perspectiva, quando Richshoffer e seus amigos seguiram para Amsterdã, eles já tinham em mente em ingressar em uma das Companhias das Índias, pois acreditavam que ali os salários seriam melhores, além de haver a possibilidade de enriquecer no Novo Mundo, como informava a propaganda da época, a qual informava que apesar dos perigos envolvidos, as oportunidades de subir de carreira e enriquecer valeriam o risco.¹⁶

Em 21 de maio, Richshoffer conta-nos que prestou seu juramento solene em servir a WIC, participando de um desfile em uma praça de Amsterdã, como ditava os costumes da época. Posteriormente, no dia 25, sua companhia seguiu para Vohlwick, onde ele conheceu o major Diederik van Waerdenburch e outros comissários da Companhia. Na ocasião foram passados

¹⁴ José Antonio MARAVALL: *A cultura do Barroco: Análise de uma Estrutura Histórica*, São Paulo, Editora da USP, 2009 (Clássicos, 10), pp. 162-163.

¹⁵ Bruno MIRANDA: op.cit., p. 43.

¹⁶ Bruno MIRANDA: op.cit., p. 130.

em revista, tendo sido Richshoffer e seus amigos enviados para a companhia do capitão Marten Petersen Day.

A bordo do navio *De Salamander* (A Salamandra), ele e seus amigos faziam agora parte da primeira expedição que seria enviada ao Brasil desde o malogro ocorrido em 1625, no qual a WIC perdeu o controle de Salvador (1624-1625). Dessa vez a expedição possuía um novo alvo, ao invés de tentar-se retomar Salvador, o alvo agora era tomar Olinda, que fatidicamente também não estava devidamente guarnecida como Salvador, anos antes.¹⁷

A nova expedição foi liderada pelo coronel Hendrik Corneliszoon Lonck e o major Diederik van Waerdenburch. No entanto, apenas quando haviam seguido viagem, é que os soldados, como Richshoffer informou, passaram a ter ciência da sua missão, que seria atacar Olinda em Pernambuco. Tal informação foi guardada em sigilo.¹⁸ Finalmente, em fevereiro de 1630, a frota neerlandesa se encontrava na costa de Pernambuco, após uma jornada que demorou oito meses desde a saída dos primeiros navios de Texel, assim como contava também com uma baixa bastante significativa, pois durante esse tempo, algumas centenas de homens acabaram adoecendo e morrendo, mesmo assim, o contingente restante foi suficiente para conquistar a frágil defesa de Olinda.¹⁹

Durante seu tempo de serviço no exército da Companhia das Índias Ocidentais, Richshoffer participou do primeiro ataque a Olinda e Recife, serviu na ilha de Itamaracá, participou do primeiro ataque à Paraíba, viajou na expedição de reconhecimento à costa do Rio Grande (do Norte), a qual possuía o intuito de atacar Natal, sua capital. Todavia, Richshoffer passou mais tempo servindo em Pernambuco. E em abril de 1632 tendo alcançado o posto de sargento, foi designado pelo Conselho Político a se unir à expedição do almirante Marten Thyszoon que seguiria para as Antilhas, a fim de explorar algumas ilhas e locais para uma posterior ocupação. De lá, a expedição retornou à Holanda.

Richshoffer posteriormente em seu diário, informou que viajou para a França, conseguindo a patente de capitão. Por sua vez, um irmão seu, chamado Daniel Richshoffer se alistou

¹⁷ Um dos fatores para o sucesso da armada holandesa ter conseguido conquistar Salvador, capital do Brasil, devia-se ao fato de a cidade somente possuir uma fortificação e ninguém esperava que um ataque daqueles ocorresse. Portugal não imaginava que sua colônia poderia sofrer um ataque tão grande, pois normalmente os franceses que costumavam ir ao Brasil saquear pau-brasil, agiam de forma sorrateira. Ricardo BEHRENS: *Salvador e a invasão holandesa de 1624-1625*, Salvador, Editora Pontocom, 2013.

¹⁸ As diretrizes dessa carta de comando, intitulada “Instruções secretas dadas ao general Hendrick Cornelissen Lonck, as quais deve abrir depois de ter partido [da ilha] de São Vicente e passado o Equador” (18 de agosto de 1629), pode ser consultada no “Secrete Notulen van de Vergaderinge van XIX in Middelburch”, disponível no Arquivo de Haia ou na Coleção José Hígino no IAHP. José Antônio Gonsalves de MELLO: *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2001, p. 42.

¹⁹ Quando a frota da Companhia das Índias Ocidentais chegou à costa de Pernambuco, em janeiro de 1630, ela já apresentava uma baixa de cerca de 33,85% de seus marinheiros e soldados. Dos 3.780 marinheiros e 3.500 soldados enviados, ainda estavam disponíveis para o ataque à Capitania de Pernambuco, por não terem sido acometidos por enfermidades, por volta de 2.515 marinheiros e 2.300 soldados. Ou seja, apenas 66,15% do efetivo enviado podiam ser utilizados na operação de conquista. Bruno MIRANDA: op. cit., p. 221.

na WIC, e foi para o Brasil, mas ali faleceu. O autor não informa nem o ano ou a causa da morte de seu irmão caçula. Após esses dois acontecimentos, a história da sua vida é desconhecida e ele não voltou a escrever mais neste diário. No entanto, em 1677, o relato autobiográfico da sua estada no Brasil, foi impresso e publicado.

Escrito em forma de diário, o livro de Richshoffer, pelo seu estilo descurado e pela sua caprichosa ortografia, revela-nos seu autor mais habituado ao manejo da espada que ao da pena. Fastidioso em alguns pontos, nos quais tem a monotonia de um livro de bordo, em geral a sua leitura deleita e interessa pela abundância de anedotas, episódios singulares e fatos típicos que bem nos patenteiam a crueza dos costumes e hábitos militares da época, e, sobretudo o espírito de gananciosa rapinagem, e o baixo mercantilismo sem escrúpulos que presidia a celebre Companhia das Índias Ocidentais, cujo domínio ainda hoje mal avisados patriotas lamentam não se tenha perpetuado entre nós.²⁰

A obra de Richshoffer se insere na produção literária moderna de relatos de viagem, diários de bordo, memórias, autobiografias, etc. algo impulsionado pelos europeus devido ao período de intensas viagens pelo planeta. Richshoffer tornou-se mais um desses escritores anônimos. Nesse caso, Hugo Picard comenta que os diários consistem em relatos de caráter íntimo, dificilmente seriam publicados.²¹ Porém, a obra de Richshoffer apesar de ser intitulada em língua portuguesa como diário, ela originalmente foi escrita como uma descrição de viagem, ou seja, um livro de memórias e até mesmo autobiográfico. Sob este aspecto, a obra de Richshoffer teria claramente um interesse de ser publicado, pois comenta Lejeune que memórias e autobiografias são escritas de forma a contar a história pessoal de seu autor, no intuito de torna-la pública, enquanto que a escrita diarista tende a ser um relato mais reflexivo e particular.²²

Assim, as informações comentadas por Richshoffer não apresentam esse caráter tão intimista e privado que é típico de diários, pois embora o autor tenha relatado suas impressões, preocupações, anseios, medos, expectativas, curiosidades, reclamações, etc. tais dados não tinham necessariamente a pretensão de serem secretos, como o próprio autor informa em sua introdução. Ademais para além dessas impressões pessoais da escrita de Richshoffer, as informações sobre as batalhas, mobilização das tropas, chegada de navios, ordens expedidas pelos comandantes; além das curiosidades que o autor escreveu sobre os habitantes do Brasil e sua natureza, tornam sua obra como comentado por Gonsalves de Mello, em uma leitura deleitosa, mas que nem por isso, deva ser ignorada como fonte para se estudar aquela guerra, pois em meio a essa autobiografia de um jovem autor, consta sua experiência como soldado da mais importante guerra no Brasil durante o século XVII.

²⁰ José Antônio Gonsalves de MELLO: "Introdução", em Ambrósio RICHSHOFFER: *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)*, São Paulo/Brasília: IBRASA/INL, 1978, pp. 18-19.

²¹ Hans Rudolf PICARD: *El diario como género entre lo íntimo y lo público. 1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, vol. IV (1981), p. 115.

²² Philippe LEJEUNE: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008, p. 14.

Nesse ponto, o fato de ele ter publicado seu livro é algo que ainda não foi compreendido. Não se sabe quantas cópias foram produzidas, a recepção da obra, e por quais motivos Richshoffer teria publicado esse livro somente décadas após sua passagem no Brasil. Logo só nos restam suposições. Ele teria publicado a obra por motivos de popularidade, como forma de tornar público essa sua experiência na juventude? Publicou o diário aguardando alguma mercê? Publicou por algum outro motivo familiar, político, econômico ou pessoal?

Do outro lado da trincheira

Nessa penúltima parte do texto veremos mais especificamente alguns fatos narrados e descritos por Ambrósio Richshoffer no que se refere a seu papel a serviço da Companhia das Índias Ocidentais. Embora o seu diário ou descrição nos forneça informações variadas, ainda assim, Richshoffer na condição de soldado raso, nos forneceu em dados momentos detalhes do campo de batalha, os quais apenas seriam possíveis de se conhecer a partir da visão daquele que esteve na frente de batalha. Nesse caso, as informações que ele nos legou sobre sua breve passagem na Capitania da Paraíba, são estritamente militares, e como a proposta desse trabalho foi abordar a escrita diarística e o uso desta como fonte histórica, se faz necessário comentar um pouco das informações militares relatadas pelo jovem Richshoffer.

O ataque a Capitania da Paraíba era uma questão cogitada pela WIC desde o ano de 1629, data que se teve início a expedição neerlandesa para se atacar Pernambuco, expedição essa que Ambrósio Richshoffer seguiu como soldado, abordo do navio *De Salamander*. Na ocasião, a carta de instruções recebida pelo tenente-coronel Hendrik Cornelissen Lonck já apresentava entre os potenciais alvos a serem atacados, a Paraíba. A carta dizia que, em caso não se obtivesse êxito em se tomar Olinda, e se os ventos fossem favoráveis, a armada neerlandesa deveria seguir para a baía de Guanabara, a fim de conquistar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Mas caso os ventos não fossem favoráveis para essa viagem ao sul, à armada deveria tentar atacar novamente Salvador. Não obstante a carta também instruíra para que a Paraíba e Buenos Aires fossem atacadas e ocupadas.²³

Como os holandeses obtiveram sucesso em tomar a Vila de Olinda, os planos de se atacar a Paraíba, Rio de Janeiro, Salvador e Buenos Aires foram adiados. Curiosamente o primeiro ataque executado pela WIC à Paraíba também teria ligação com Olinda. Richshoffer informa que no dia 17 de novembro de 1631, as construções começaram a ser demolidas. Os holandeses perceberam que não seria favorável continuar a manter aquela posição, e a opção foi abandonar Olinda e concentrar-se na ilha de Antônio Vaz e no Recife. Assim, do dia 17 a 24 de novembro Olinda foi arrasada, culminando com um incêndio. O próprio Richshoffer menciona que participou dessas ações de depredação e destruição da vila. Todavia, ele completa dizendo

²³ José Antônio Gonsalves de MELLO (ed.): *Fontes para a história do Brasil holandês: a administração da conquista*. Vol. 2, Recife, CEPE, 2004, 2v, p. 49.

que poucos dias depois do ocorrido, o Alto e Secreto Conselho decidiu pelo ataque a Capitania da Paraíba.²⁴

Embora Richshoffer não nos tenha fornecido maiores detalhes sobre essa decisão, outros autores da época como frei Paulo do Rosário, Duarte de Albuquerque Coelho e Joannes de Laet, nos informaram que os planos de se atacar a Paraíba já eram cogitados meses antes. Neste caso, em solo paraibano, o então capitão-mor Antônio de Albuquerque Maranhão, avisado pelo general Matias de Albuquerque,²⁵ tratou de iniciar medidas emergenciais para fortificar a capitania, que na época somente contava com duas fortificações: o Forte do Cabedelo na entrada do rio Paraíba e o Forte do Varadouro, na entrada da cidade.²⁶ Antônio de Albuquerque ordenou a construção de um novo forte na outra margem da entrada do rio, que veio a ser o Forte de Santo Antônio, como também despachou ordens para recrutarem-se soldados; solicitou armas e munição da metrópole; além de ordenar a reforma do Reduto da Restinga e a construção de outros redutos na praia e em torno da cidade (ver mapa 1).²⁷

²⁴ Ambrósio RICHSHOFFER: op.cit., p. 99.

²⁵ Matias de Albuquerque Coelho (1597-1657) foi o segundo filho de Jerônimo de Albuquerque Coelho e Anna da Silva, sendo irmão mais novo de Duarte de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco. Matias é lembrado por ter governado a Capitania de Pernambuco como lugar-tenente, ter composto a Junta Governativa do Brasil, assumindo como governador-geral interino entre 1624-1625, época da invasão holandesa em Salvador. Tornou-se o principal general das forças de resistência contra a ocupação holandesa, entre 1630 a 1638. Leandro Vilar OLIVEIRA: op. cit., p. 81.

²⁶ O Forte do Cabedelo atualmente é mais conhecido como Fortaleza de Santa Catarina. Já o Forte do Varadouro não existe mais.

²⁷ Paulo do ROSÁRIO: *Relaçam breve e verdadeira da memorável victoria, que ouve o Capitão-mor da Capitania da Paraíba Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda, que são vinte naus de guerra, e vinte e sete lanchas: pretenderão occupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1632, p. 3.



Mapa 1: Detalhe do mapa *Abeeldinghe van Pariba enden Forten* (Representação da Paraíba e seus fortes). Desenhado por Claes Jansz Visscher, editado por Nicolas Jansz Visscher. c. 1634-1635. Fonte: Cópia digital da Biblioteca Nacional Digital, Lisboa. Gravura a água-forte, 1 carta impressa em papel; 27,4 x 36,2 cm em folha de 28 x 36,6 cm. Nesse detalhe se pode ver o Forte do Cabedelo abaixo, sendo atacado por uma tropa holandesa; o Forte de Santo Antônio acima, e o reduto da Restinga a esquerda desse.

A construção do novo forte, situado na margem esquerda do Rio Paraíba, atendia as especificações militares da época, em se construir fortificações com baluartes, muros mais baixos e com inclinações. Modelo baseado nas mudanças arquitetônicas iniciadas um século antes devido à chegada das armas de fogo a Europa. Com isso:

O novo sistema de fortificação teria de incorporar características que resistissem ao bombardeio e, ao mesmo tempo, mantivessem a infantaria do inimigo à distância. A solução para esse problema de diminuir a altura e aumentar a espessura foi o bastião angular, que se projetava dos muros, dominava o fosso e era suficientemente forte para não ser destruído por uma concentração de fogo inimigo.²⁸

²⁸ John KEEGAN: *Uma história da guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 334.

Assim, antes dos holandeses invadirem a Paraíba no ano de 1631, as defesas daquela capitania já estavam posicionadas nos três fortes e nos redutos; armadas, municiadas e abastecidas, aguardando o iminente ataque. Neste caso, tendo Olinda sido abandonada e incendiada pelos holandeses, Joannes de Laet informou que começou a se planejar o próximo grande ataque no dia 26 de novembro de 1631, quando o Conselho de Guerra da WIC se reuniu para deliberar a escolha entre dois alvos em potencial: o Arraial do Bom Jesus e a cidade da Paraíba. Ele informou que não houve uma unanimidade na votação, pois parte dos comandantes defendiam atacar o Arraial, que era o quartel-general da resistência portuguesa em Pernambuco, mas outros alegavam que o Arraial estava bastante provido de suprimentos, armas, munições e homens, e que seria mais fácil atacar os fortes paraibanos.²⁹ Por outro lado, havia quem defendesse a opinião de que enviar uma expedição à Paraíba naquele momento, não seria algo favorável para os planos de guerra da Companhia.

Comparando a narrativa de Joannes de Laet, um dos principais diretores da WIC, com o relato de Ambrósio Richshoffer, nota-se que de fato após o incêndio de Olinda, o Conselho de Guerra tomou a decisão de se atacar à Paraíba, mesmo que não tenha sido uma decisão unânime como salientada por Laet. De qualquer forma, Richshoffer informou que no dia 2 de dezembro de 1631, a frota de 19 navios zarpu do Recife.³⁰ Devido a ventos contrários, a viagem demorou mais do que o comum. E assim, pela manhã do dia 5, a frota holandesa ancorava nas praias de Cabedelo.

Richshoffer com seu humor, diz que eles foram «amavelmente recebidos» pelos «espanhóis»³¹, os quais estavam em um reduto na praia, e atiravam contra eles. Os demais autores como Rosário, Laet e Coelho também narram esse acontecimento. Enquanto as tropas holandesas eram desembarcadas na praia, essas eram alvejadas pelos portugueses, espanhóis e indígenas situados no reduto praiano. Esse primeiro ataque pela manhã do dia 5 de dezembro, dava início a Batalha do Cabedelo, que se estenderia por uma semana.

O autor também informou que após terem conseguido alcançar terra firme, o contra-ataque teve início. Os portugueses e seus aliados indígenas, vendo que estavam em menor número e não teriam condições de levar por mais tempo a defesa daquela posição, abandonaram o pequeno reduto e recuaram para a floresta. Richshoffer conta-nos que a sua companhia e outras foram ordenadas a persegui-los, com isso eles adentram a floresta que os separava do

²⁹ Joannes de LAET: *Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde seu começo até o fim do anno de 1636*, vol. I-XIII, en *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 30, 33, 38, 41-42, Rio de Janeiro, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912-1925, 13v, p. 217.

³⁰ Frei Paulo do Rosário (1632) informou que foram 22 navios e 2 mil soldados. Duarte de Albuquerque Coelho (1654) disse que foram 30 navios e 3 mil homens. Já Joannes de Laet (1644) disse que foram 15 navios e cerca de 1.500 ou 1.600 homens. Atualmente os historiadores tendem a considerar que o relato de Laet seja o mais preciso, pelo fato do mesmo ter tido acesso a documentação militar da WIC para redigir seu livro.

³¹ Originalmente em seu livro Richshoffer não diferencia portugueses, espanhóis e colonos brasileiros, ele os chamava a todos de espanhóis, pelo fato de que naquela época Portugal e o Brasil eram governados por um rei espanhol, D. Filipe IV. Reflexo da União Ibérica (1580-1640).

forte português, situado do outro lado, a beira do rio. Sobre esse segundo conflito ocorrido em meio à floresta, Richshoffer relatou o seguinte:

Em seguida as nossas forças foram dispostas em batalha (formando a minha companhia com várias outras a vanguarda) e comandadas ao assalto das posições inimigas. Logo ao começar a marcha dois da nossa tropa, apenas três filas adiante de mim, foram alcançados por uma bala rasa que lhes arrancou as carnes das coxas. Não obstante, prosseguimos avançando, animados pelo nosso Tenente, até chegarmos tão perto do inimigo, que poderíamos bem falhar-lhe, e tiroteamos com ele, até que cada um disparou três tiros, quando fomos rendidos. Os canos dos mosquetes estavam tão aquecidos pelo sol e pelo constante fogo que quase era impossível carregá-los mais.³²

Dessa fala do autor, podemos observar dois pontos interessantes: o modo de se travar luta naquele tempo, dispondo as tropas em fileiras, nas quais os soldados estavam armados com lanças, piques, mosquetes, arcabuzes, pistolas, espadas e facas. Reflexo das mudanças organizacionais implantadas por Maurício de Nassau (1567-1625), então *stadholder* dos Países Baixos.³³ Todavia, nas últimas décadas os historiadores militares têm questionado até onde o pioneirismo da "revolução militar holandesa" promovida por Nassau realmente foi algo pioneiro. Historiadores como Jeremy Black³⁴ e Keith Roberts³⁵ comentam que a organização em fileiras, dispondo de homens armados com piques e mosquetes já era uma formação utilizada pelos exércitos espanhóis e italianos na mesma época. No caso holandês, Nassau alterou essa formação que já existia, não teria a inventado propriamente.

Independentemente de quem tenha promovido à formalização dessa formação de combate, no século XVII, ela ainda se mantinha operante. Richshoffer e os outros autores como Rosário, Laet e Coelho informam que tanto as tropas holandesas, quanto as tropas portuguesas e espanholas adotavam esse modelo que ficou conhecido na historiografia como «guerra de Flandres», termo referente aos conflitos travados entre holandeses e espanhóis durante a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), marcado por táticas de batalhas entrincheiradas, assaltos a fortalezas, cercos, formações com piqueiros, lanceiros, mosqueteiros e arcabuzeiros; uso de minas e até de emboscadas.³⁶ Tais características estiveram presentes nas batalhas no Brasil, apesar de contar com suas variações locais, o que incluía o uso de indígenas munidos de arco e flecha, e o uso de escravos negros.

Pautado nesse breve comentário de como a guerra era travada pelos europeus no século XVII, Richshoffer comenta que os portugueses e espanhóis lutavam da mesma forma que eles,

³² Ambrósio RICHSHOFFER: op.cit., p. 100.

³³ Geoffrey PARKER: "O Soldado", in Rosário VILLARI (dir.), *O homem barroco*, Lisboa, Editoria Presença, 1994, pp. 54.

³⁴ Jeremy BLACK: *European warfare: 1494–1660*, London/New York, Routledge, 2002.

³⁵ Keith ROBERTS: *Pike and shots tactics*, Oxford, Osprey Publishing, 2010 (Series Elite, 179).

³⁶ Evaldo Cabral de MELLO: *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*, São Paulo, Ed. 34, 2007, p. 247.

mesmo que utilizassem em alguns casos companhias de índios e de negros para reforçar seus parques contingentes. Assim, Richshoffer prossegue dizendo que enquanto seguia com sua companhia pela floresta, teve que se aproximar do inimigo tendo chegado tão perto que eles poderiam se falar. Apesar da hipérbole usada pelo autor, as armas de fogo naquele tempo não possuíam uma precisão de longo alcance efetiva, necessitando que os soldados tivessem que se aproximar o máximo possível para conseguir ter maiores chances de atingir o inimigo. Tal condição também era reforçada pelo fato da artilharia ser posicionada em fileiras, criando uma parede de mosquetes ou arcabuzes, na qual a primeira fila disparava, enquanto essa recarregava, a segunda disparava, e assim por diante.³⁷

Nesse ponto, sublinhamos no relato de Richshoffer o detalhe de ele ter dito que tiveram que suspender o combate, pois as armas estavam superaquecendo. A observação do autor é também vista em outros relatos daquele período, nos quais os militares reclamavam que algumas armas aqueciam tão rapidamente, que havia o risco do cano explodir no próximo disparo. Um dos motivos para isso devia-se a péssima qualidade do aço empregado na confecção das armas. Sobre isso, o historiador Bruno Miranda sublinhou que havia correspondências da WIC no Brasil, reclamando do envio de lotes de armas defeituosas.

Na frota de socorro enviada ao Brasil em 1647, foi observado, antes do embarque, que muitos dos mosquetes fornecidos pela WIC às tropas estavam defeituosos. Em relatório apresentado aos Estados Gerais por Hendrik Haecxs, foram apontadas, além de várias outras carências, uma quantidade elevadíssima de armamentos defeituosos.³⁸

O relato de Richshoffer não confirma que as armas naquele momento estivessem defeituosas, mas confirma que havia o problema do aquecimento dos canos e o perigo de ferimentos por causa disso. O autor informou que devido a essa questão de aquecimento dos mosquetes, ele e sua companhia tiveram que recuar de volta a praia, tendo suspenso aquele ataque por hora. No entanto Rosário e Coelho comentam que pela tarde e de noite, companhias portuguesas atacaram os holandeses. Dados não citados por Richshoffer ou Laet. Mas enquanto esses ataques pela tarde e de noite ocorriam, Ambrósio Richshoffer narrou que ele não participou dos novos conflitos, pois estava encarregado de ajudar na construção das defesas, no caso, de escavar trincheiras e erguer parapeitos. Com isso foram instalados canhões para dar início ao cerco. Neste caso a principal tática adotada naquele tempo para se assediar uma fortaleza era através de cercos que poderiam durar semanas ou meses. Devido ao risco de tentar capturar a fortificação num ataque direto, optava-se por uma guerra lenta, pautada mais no cansaço e na tensão, forçando assim uma possível rendição.³⁹

Nesse sentido, Richshoffer informou que nos três dias seguintes após sua chegada, esses foram de intensos conflitos. Ele não detalhou a respeito dessa intensa batalha que se sucedeu,

³⁷ Frank TALLET: op. cit., p. 24.

³⁸ Bruno MIRANDA: op. cit., p. 243.

³⁹ John KEEGAN: op. cit., p. 337.

mas os outros autores, Rosário, Coelho e Laet nos fornecem alguns dados, assinalando que os dias 7 e 8 foram bem acirrados, marcados por muitas mortes, pois reforços holandeses advindos dos navios foram posicionados nas frentes de batalha, além do fato que no dia 8, reforços portugueses advindos da Metrópole, e reforços espanhóis que viam por terra, marchando desde Pernambuco, ambos chegaram naquele dia, engrossando as linhas de defesa portuguesas, gerando prejuízo aos holandeses que tiveram que suspender seus ataques. Frei Paulo do Rosário⁴⁰ e Duarte de Albuquerque Coelho⁴¹ informaram que apesar dessa vitória ocorrida no dia 8 de dezembro, o capitão-mor Antônio de Albuquerque ordenou que novas trincheiras defensivas fossem erguidas, assim como, que se reparassem os muros e se construísse um hornaveque.⁴²

Apesar da chegada dos reforços luso-espanhóis no dia 8 de dezembro, que contou com a vinda de quatro companhias espanholas lideradas por Fernando de Riba Agüero, e três companhias portuguesas lideradas por Luiz Pinto Matos,⁴³ os holandeses ainda estavam em vantagem numérica e continuavam a pressionar o cerco. Sobre isso, o historiador militar John Keegan comentava que tentar tomar uma fortificação mesmo danificada, não era tarefa fácil, pois tais fortificações eram construídas de forma que sua estrutura auxiliasse não apenas a resistir ao bombardeio das armas de cerco, mas que evitasse ataques da infantaria, valendo-se de fossos, seteiras, caminhos cobertos, hornaveques, trincheiras, muros, etc.⁴⁴

O comentário de Keegan quanto ao desespero de se tomar uma fortificação mesmo danificada compactua com a descrição de Richshoffer sobre a tentativa que a WIC empreendeu no dia 9 de dezembro. O jovem soldado nos conta que em meio às lutas travadas na esplanada em torno do Forte do Cabedelo, em dado momento disparos de canhão advindos do Forte de Santo Antônio os atingiram, forçando as tropas holandesas recuarem para suas trincheiras e redutos dentro da floresta. Todavia, foi dada a ordem para se tentar um ataque direto. As fontes não indicam de quem partiu tal decisão, mas Richshoffer relatou o seguinte:

Chegamos até debaixo dos canhões e com as escadas às estacadas, porém o inimigo defendeu-se tão briosamente, dentro e fora da trincheira, e do reduto fizeram-nos através do rio tão mortífero fogo com os canhões que fomos obrigados a retirar-nos. Novamente ficaram de ambos os lados muitos mortos e feridos.⁴⁵

⁴⁰ Paulo do ROSÁRIO: op. cit., p. 9.

⁴¹ Duarte de Albuquerque COELHO: *Memórias Diárias da Guerra do Brasil: 1630-1638*, apresentação de José Antônio de Gonsalves de Mello, Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982. p. 67.

⁴² O hornaveque (do alemão *hornwek*), também chamado obra cornuda ou cornas, etc., surgiu no século XVI, consistindo numa fortificação exterior a um forte, fortaleza ou muralha. O hornaveque era formado de dois lados chamados de ramais os quais na ponta terminava em dois meios baluartes, formando um triângulo. A estrutura consistia em muros, que poderiam ser reforçados por fossos. O hornaveque foi erguido diante da entrada do forte. Luís Serrão PIMENTEL: *Methodo lusitânico de desenhar as fortificações das praças regulares & irregulares, fortes de campanha, e outras obras pertencentes a arquitetura militar, distribuído em duas partes: operativa e qualificativa*, Lisboa, impresso por Antonio Craesbeeck, 1680, pp. 20 e 87.

⁴³ Duarte de Albuquerque COELHO: op. cit, 67.

⁴⁴ John KEEGAN: op. cit, p. 337.

⁴⁵ Ambrósio RICHSHOFFER: op. cit., p. 101.

O relato de Richshoffer é interessante, pois Rosário, Coelho e Laet não mencionaram essa tentativa de subir nos muros.⁴⁶ Novamente sua visão como um soldado que participou de toda a ação, nos legou informações ímpares. Nesse ponto percebemos que após quatro dias de conflitos, apesar de que a WIC ter adotado a tática de cerco, mas naquela ocasião decidiu-se arriscar-se num ataque direto. De acordo com Keegan⁴⁷ e Tallett,⁴⁸ tomar um forte por um ataque direto não era a mais sábia das decisões. Era preciso antes enfraquecer a guarnição e as defesas externas, de forma que se pudesse tentar um ataque direto aos muros, como no caso de se tentar escalá-los. Caso a fortificação não estivesse vulnerável, um ataque direto seria uma decisão bastante arriscada.

Pelo relato de Richshoffer, a investida aos muros do Forte do Cabedelo foi uma decisão realmente arriscada, já que após quatro dias de cerco, algum comandante deu a ordem para tentar um ataque direto. E o próprio fato do autor relatar que o inimigo se defendeu arduamente, sugere que os luso-espanhóis não estivessem tão fracos como se pensava. Nesse ponto é válido comentar que os autores da época dizem que o Forte do Cabedelo não possuía muitas defesas externas, basicamente se limitava a um fosso raso e sem água; um hornaveque, construído durante a batalha, algumas trincheiras e um caminho coberto que auxiliava a entrada e saída dos soldados do forte para as trincheiras. Mas apesar de tais defesas auxiliares, de acordo com Richshoffer, eles conseguiram ultrapassá-las, e tentaram escalar os muros com escadas. Somente desistiram da ofensiva, porque a guarnição nos muros os repeliu com seus mosquetes.

Após esse ataque falho, Richshoffer informa que no dia 10, ele voltou para o campo de batalha, dessa vez não na vanguarda, mas permanecendo dentro da floresta, na guerra de trincheiras. E naquele dia ele foi ferido ao ponto de ter que se retirar do campo de batalha. O autor comenta de forma humorada esse seu acidente que poderia ter lhe tirado a vida, pois ele foi ferido na cabeça por um fragmento de madeira, mas graças ao seu amigo Hans Carol Spiessen, pôde ser resgatado. Tal condição é um aspecto importante a ser comentado, pois diz respeito a alguns perigos que os soldados da WIC vivenciavam, no caso: o risco de morrer por causa de falta de tratamento médico ou tratamento inadequado. Bruno Miranda comenta que a quantidade de cirurgiões, médicos, barbeiros e enfermeiros era muito baixa, ao ponto de haver falta de tais profissionais da saúde para cuidar da alta demanda de enfermos e feridos.⁴⁹

Mas além desse problema relacionados com ferimentos de batalha, as longas viagens marítimas naquele tempo eram permeadas pela ameaça constante de risco de vida. Se o tripulante e passageiro não morressem durante uma tempestade, conflito, ou de fome e sede, poderia falecer de escorbuto, tifo, disenteria, catapora, tuberculose, febres, etc. Evaldo Cabral de Mello comenta com base em alguns relatos da WIC, que pelo menos 1/3 das tropas que chegavam dos Países Baixos, apresentavam alguma enfermidade. «Os navios, por exemplo, eram ambientes

⁴⁶ Leandro Vilar OLIVEIRA: op. cit, p. 211-212.

⁴⁷ John KEEGAN: op. cit., p. 337.

⁴⁸ Frank TALLETT: op. cit., pp. 34-35.

⁴⁹ Bruno MIRANDA: op. cit., pp. 246-267.

especialmente nocivos e sujeitos à dispersão de enfermidades, haja vista a usual grande quantidade de gente em espaços confinados, a falta de água potável e de comida em bom estado de conservação».⁵⁰ Mello também comenta que não foram apenas os comandantes holandeses que reclamavam da falta de médicos e da saúde dos soldados que chegavam de viagem se encontravam em serviço no Brasil. O historiador diz que os comandantes portugueses e espanhóis também apontavam esses mesmos problemas.

Pelo que parece Richshoffer foi um homem de sorte ou de saúde resistente, pois além desse ferimento na cabeça, ele mesmo nos informou que durante a viagem ao Brasil, ele teve enjoos e febres, além de ter visto vários homens morrerem durante o trajeto. Todavia, Richshoffer informa que tendo sido tratado de seu ferimento, ele se pôs a retornar a terra firme e ajudar a transportar os feridos e os mortos. Não obstante, ele informou que entre os dias 5 e 10 de dezembro, os holandeses tinham entre mortos e feridos 500 homens, já os espanhóis teriam perdido cerca de 80 homens, um número muito menor se comparado as perdas da WIC. Rosário comenta que entre mortos e feridos os portugueses tiveram 148 baixas, mas não sugeriu um valor para as perdas dos holandeses; já Coelho relatou 156 baixas para o lado português, e disse que os holandeses tiveram mais de 500 soldados mortos. Quanto a Laet, esse indicou entre mortos e feridos para o lado luso-espanhol, um valor de 140 homens, enquanto a WIC teria tido entre mortos e feridos uma baixa de 180 a 200 homens.⁵¹

Nota-se por tais números algumas divergências quanto a quantidade de feridos e mortos, mas isso é algo comum nesse caso. Todavia, percebe-se que os valores de Rosário e Coelho são bem próximos, embora ambos não tenham se conhecido, e não sabemos se Coelho teria consultado o livro de Rosário, já que ele publicou seu opúsculo em 1632. Por sua vez, os valores sugeridos por Richshoffer destoam dos apresentados por Laet. No caso, Laet consultou os relatórios oficiais, enquanto Richshoffer provavelmente ouviu tais valores, mas a discrepância de 180-200 mortos e feridos para 500 é até significativa, o que poderia suscitar exagero de Richshoffer ou omissão por parte de Laet, em tentar diminuir a derrota? Isso são questões que não saberemos responder.

Todavia, Richshoffer além destes informes ele comentou que ainda no dia 10 de dezembro começou a deliberar-se um plano de retirada. Devido ao fracasso das batalhas nos dois dias anteriores, o Conselho de Guerra chegou a conclusão que o melhor seria suspender aquele cerco e encerrar a campanha. Richshoffer não explica claramente os motivos, mas pelo fato de ser um soldado, dificilmente estaria a par das decisões tomadas pelos coronéis e majores, apenas conheceria as ordens de evacuação. Rosário e Coelho por pertencerem ao lado luso-espanhol em seus livros também não apontaram motivos pelos quais os holandeses teriam desistido do cerco.

No entanto, Joannes de Laet com base na documentação militar da WIC, informou os seguintes motivos que teriam levado a desistência da Companhia na Batalha do Cabedelo, na Capitania da Paraíba, dizendo que:

⁵⁰ Evaldo Cabral de MELLO: op. cit., pp. 232-233.

⁵¹ Leandro Vilar OLIVEIRA: op. cit., pp. 208.

1º Visto que o inimigo se encontra em tão grande numero e vem ao encontro dos nossos com seus approxes, é de crêr que procura cortar nossas linhas; 2º Que não é possível por meio desses approxes (pois o inimigo os impedia) acercar-se da porta do forte, visto estar provida de bom hornaveque. Também precisavam, para a ocupação e conservação dos approxes, baterias e corpos de guarda, empregar continuamente seis ou sete companhias (o que era impossível) e atacar igualmente o inimigo com approxes de ambos os lados, enquanto os mesmos julgam obter reforços, como realmente recebem todos os dias, pelo rio, em botes; 3º Demais, o inimigo tem tão grandes canhões de bronze e ferro, que é de presumir que não possamos desmontar com nossas peças; 4º Compondo-se a nossa força de apenas 1.500 soldados, não é possível continuar em clima tão quente como tal fadiga de guardas e outros inconvenientes (que não eram poucos), e, além disso, não há outros refrescos a não ser alimentos em conserva e salgados; 5º Havendo tido em quatro dias mais de 200 baixas, entre mortos, feridos e doentes, as tropas naturalmente enfraqueceram.⁵²

Os comentários apontados por Laet para justificar a decisão de retirada, expressam problemas enfrentados por outros comandantes naquele período, em diferentes países e regiões. Em geral os fatores assinalados por Laet dizem respeito ao contingente militar que os luso-espanhóis supostamente estariam em maior número, que não era algo real, pois quando analisamos as cifras assinaladas nos relatos portugueses, essas apontam que o número de soldados era inferior ao exército da WIC, mas para Joannes de Laet era o contrário.⁵³ Não obstante, ele salientou a dificuldade de fazer o cerco, de ter pessoal disponível para mantê-lo, de ter homens sobrando para defender o território ocupado, prosseguir com o avanço, os bombardeios, etc. alegando que os 1.500 homens que eles dispunham era insuficiente para tudo aquilo. Algo que era agravado pela condição de haver mortos, feridos e doentes durante o conflito.

Neste caso Geoffrey Parker comenta que nas guerras nos séculos XVI e XVII, era comum que os comandantes recrutassem sempre o dobro de soldados recomendados, ou seja, se fosse recomendado 1.500 homens para um cerco, solicitava-se o dobro, pois desse total, uns 30% a 40% seria perdido por doenças, ferimentos, morte e deserção.⁵⁴ O próprio Joannes de Laet e Duarte de Albuquerque Coelho citam a dificuldade de reunir um exército satisfatório para manter as campanhas de defesa ou de ataque. Fatores que geraram dificuldades em se manter a Capitania da Paraíba, mas que também gerou problemas para a WIC, a qual necessitou de três tentativas para dominar as fortificações paraibanas.

⁵² Joannes de LAET: op. cit., p. 221.

⁵³ Nas três batalhas travadas na Paraíba, as forças luso-espanholas-brasileiras dispuseram de cerca de 2.260 homens, enquanto a WIC dispôs de cerca de 5.454 soldados. Leandro Vilar OLIVEIRA: op. cit., p. 209.

⁵⁴ Geoffrey PARKER: op. cit., p. 42-43

Mas além dessa problemática quanto à quantidade dos exércitos envolvidos, e a quantidade de canhões e munição,⁵⁵ outro ponto assinalado no relatório de Laet foi a falta de alimentos (refrescos no linguajar da época) locais, o que forçava o exército da WIC a ter que depender do seu estoque de alimentos salgados e em conserva, os quais consumidos regularmente, prejudicavam a saúde dos combatentes. Sobre isso, Gonsalves de Mello assinalou que:

A dieta do exército holandês era proveniente da metrópole: aveia, feijão, ervilhas, carne salgada e toucinho. Algumas vezes a carne era substituída por bacalhau, tendo havido mesmo um comércio regular, direto, entre a Terra Nova e o Recife. Os próprios soldados em guarnição no interior eram alimentados com essa dieta. Holandeses senhores de engenho mandavam comprar todo o necessário a sua mesa na cidade.⁵⁶

O fator da adoção dessa dieta se devia segundo Mello, a condição de que os holandeses, franceses, alemães, ingleses, etc. que compunham o exército internacional da WIC, não se adaptarem a comida regional brasileira, mas também pela escassez de alimentos, pois as fazendas ainda estavam de posse dos portugueses. Algo que Charles Boxer salienta que foi um problema recorrente durante os primeiros anos da ocupação holandesa do Nordeste brasileiro: essa problemática de abastecimento dos seus exércitos e colonos.⁵⁷ Tal condição foi vista no cenário da Paraíba, pois a região do Cabedelo, onde foi travada a batalha de 1631, era uma região apenas de floresta. Excetuando-se o forte, não havia povoação em torno, nem mesmo povoações indígenas. Os alimentos consumidos nos dois fortes eram transportados da cidade e das fazendas. Sendo assim, esses problemas comentados por Ambrósio Richshoffer e Joannes de Laet levaram os coronéis em comando da campanha holandesa na Paraíba, a decidirem que no dia 11 de dezembro de 1631, seria realizado o movimento de retirada. Sobre isso, Richshoffer relatou o seguinte:

Ao anoitecer jogou-se fortemente com a artilharia contra a trincheira, e fez-se rebate falso como se ainda uma vez a quiséssemos acometer. Quando a escuridão tornou-se completa untaram-se bem com azeite os reparos das peças que foram de novo transportadas pra os navios. Em seguida os Srs. Oficiais jogaram a dados a ordem em que as companhias deviam ser conduzidas para bordo nas chalupas. Como o nosso Sr. Major fosse infeliz, coube à nossa companhia ser a última e portanto a que ficava exposta ao maior perigo.⁵⁸

Richshoffer prossegue dizendo que enquanto as companhias não voltavam para os navios, as fogueiras e tochas foram mantidas acesas, além de soar o som de sinos e fazerem-se

⁵⁵ Um dos fatores que levaram a rendição dos Fortes do Cabedelo e de Santo Antônio em dezembro de 1634, deveu-se a falta de munição para os canhões e armas. Leandro Vilar OLIVEIRA: op. cit., p.

⁵⁶ José Antonio Gonsalves de MELLO: op. cit., pp. 129-130.

⁵⁷ Charles Ralph BOXER: *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1961. (Coleção Brasileira, vol. 312), p. 90.

⁵⁸ Ambrósio RICHSHOFFER: op. cit., p. 103.

outros barulhos, no intuito de enganar os portugueses, fazendo-os pensar que tudo transcorria bem naquela noite. Todavia, a retirada realmente foi às pressas e perdurou ao longo da noite, pois frei Paulo do Rosário mencionou que quando o capitão-mor Antônio de Albuquerque com alguns homens chegou ao acampamento holandês na manhã do dia 12 de dezembro, encontrou várias tendas e objetos que ficaram para trás, sugerindo que os holandeses fugiram apressados.⁵⁹

Richshoffer menciona naquela manhã do dia 12, enquanto a frota aguardava bons ventos para zarpar, os portugueses disparavam do Forte do Cabedelo, e o capitão-mor da Paraíba, Antônio de Albuquerque Maranhão, que estava no acampamento holandês, ordenou que esse fosse incendiado. Richshoffer completa dizendo que eles revidaram as ameaças, fazendo alguns disparos também. Além disso, alguns portugueses e espanhóis que estavam na praia, gritavam lhe insultos. Na tarde do dia 12 de dezembro de 1631, os ventos voltaram a soprar favoravelmente e a frota neerlandesa seguiu jornada de volta ao Recife. A viagem de Ambrósio Richshoffer a Paraíba terminava, embora que ainda naquele ano ele voltaria a cruzar as águas paraibanas, enquanto se dirigia para a primeira expedição à Capitania do Rio Grande, que se revelou como novo fiasco para a WIC, pois o alerta emitido a cidade de Natal, concedeu tempo para as defesas serem estabelecidas, assim quando a WIC chegou no final de 1631 a Capitania do Rio Grande, vendo as defesas de prontidão, optou em desistir do cerco e realizar uma missão de reconhecimento do território.

Considerações finais.

Ambrósio Richshoffer nos legou em seu diário dados curiosos sobre as dificuldades, perigos e a dureza de ser um soldado da Companhia das Índias Ocidentais, o que por sua vez expressou-se desde a longa travessia pelo Oceano Atlântico até os conflitos em trincheiras e redutos nos quais ele participou, fornecendo-nos a opinião e a visão de um soldado que esteve na frente de batalha. O olhar de Richshoffer como uma testemunha que esteve não apenas presente no cenário dos acontecimentos bélicos, mas foi um membro participante, nos forneceu detalhes peculiares e episódios fatídicos, até bem-humorados em dados momentos. Por mais que outros autores como Rosário, Coelho e Laet escreveram sobre essa guerra, eles os fizeram como expectadores da ação, e não como participantes dela. Isso não desmerece seus relatos, pois estando na posição fora do conflito, isso os permitiu enxergar além das batalhas, revelando dados sobre o contexto da guerra, algo que carece no relato de Richshoffer, pois onde ele estava inserido, isso não lhe era possível.

Embora seja preciso levar em consideração que a obra de Richshoffer não foi escrita originalmente para ser publicada, e não tinha pretensões de ser um trabalho histórico, como visto com Rosário, Coelho e Laet, mas consistiu num diário de viagem que somente quatro décadas depois veio a público. Os estudiosos de seu diário não sabem informar se Richshoffer

⁵⁹ Paulo do ROSÁRIO: op. cit., p. 14.

teria tido influências de outros autores para escrever esse diário, pois o próprio autor não deixa isso explícito. Ou se ele teria o escrito almejando alcançar postos dentro da Companhia, talvez algo improvável, pois em 1632 ele pediu baixa da WIC e retornou para casa, posteriormente foi morar na França.

Ambrósio Richshoffer não tinha naquele momento que serviu como soldado da WIC, no Brasil e nas Antilhas, o interesse de escrever uma história sobre aqueles acontecimentos, algo visto com os outros autores aqui mencionados. Frei Paulo do Rosário publicou seu relato um ano após ter testemunhado a primeira invasão à Paraíba, dizendo que se fazia necessário preservar aquele bravo feito português. O governador de Pernambuco, Duarte de Albuquerque Coelho publicou seu livro quase vinte anos depois, devido a problemas com a Coroa Portuguesa e Espanhola, e as autorizações para suas *Memórias Diárias da Guerra do Brasil* (1654) ser impressa. De qualquer forma, em seu livro nota-se o seu discurso de autopromoção perante o monarca espanhol Filipe IV, dizendo que embora tenha fracassado em recuperar sua capitania, ele nunca deixou de ser fiel ao rei, e agiu da melhor forma que pôde naquela guerra. Quanto a Joannes de Laet, ele foi contatado para escrever a história da Companhia das Índias Ocidentais, algo que fez de forma bem extensa, pois sua *História ou Anais da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais* (1644) foi originalmente publicado em 13 volumes, abarcando os anos de 1621 a 1636. Além de que seu livro, inclusive foi todo custeado pela companhia. Diante de tais exemplos, nota-se que a cultura escrita do XVII, foi bem diversificada, pelo menos no âmbito europeu, que é o caso aqui tratado.

Logo, se comparando estes autores os quais tiveram distintos motivos para publicar seus livros sobre os acontecimentos ocorridos no Brasil, durante a primeira fase das Guerras luso-holandesas (1630-1654), Ambrósio Richshoffer naquele primeiro momento, não teve pretensões de publicar sua história, que dentre todos estes aqui mencionados é a mais pessoal. Por mais que ele nos forneça dados técnicos sobre a chegada e partida de navios, informações de ordens militares, curiosidades e descrições, ainda assim, consiste em um relato de vida, pois Ambrósio chegou ao Brasil com 18 anos e o deixou aos 20. Parte de sua vida foi vivida a serviço da WIC no Brasil. Nesse sentido, o autor acabou se tornando personagem de sua história.

E o seu livro nos permitiu como visto, perceber a partir de uma microanálise, questões relacionadas ao cerco, táticas de batalha, perigos de ferimentos e doenças, falta de suporte médico, falta de alimentos, dificuldades para se combater num território desconhecido e pouco habitual para aqueles homens acostumados com o clima temperado europeu, que tiveram que se aventurar no cenário tropical da Mata Atlântica paraibana, arriscando suas vidas por uma companhia mercante interessada no alto lucro proporcionado pelo comércio açucareiro, o "ouro branco" daquele tempo.